

# Mulheres são maioria no eleitorado

*Ceilândia, Taguatinga e Samambaia têm, juntas, vinte mil eleitoras a mais que eleitores. Ao todo são 460 mil votantes*

Kátia Marsicano  
Da equipe do **Correio**

**M**aioria do eleitorado de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, as mulheres têm o poder nas mãos. Que os candidatos fiquem atentos a elas, porque os números e, consequentemente, os votos, não mentem. Evidenciam.

Levantamento do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) confirma o predomínio. Nas quatro zonas eleitorais, que reúnem 460 mil 449 pessoas aptas para votar, elas superam

os homens nas estatísticas. Só na Ceilândia, dividida em Norte e Sul, são 125 mil 298 eleitoras para 118 mil 918 homens.

Presentes em todas as atividades, das domésticas às empresariais, as mulheres das três cidades ultrapassam os 240 mil votos, 20 mil a mais que os homens. Um total que, em breve, pode até crescer, segundo prevê o presidente do TRE, desembargador Edmundo Minervino.

“Com a campanha Vote Perto de Casa, teremos um retrato bem mais fiel do eleitor de cada zona”, co-

menta. Samambaia, por exemplo, onde votam 21 mil 469 mulheres e 20 mil 042 homens, vai mudar, porque muitos de seus habitantes se deslocam para votar nas cidades onde moravam — logo, não fazem parte da estatística local.

Se estão conscientes da sua representatividade, há quem diga que não. Em depoimentos, elas mesmas admitem ou o desinteresse pela política ou mesmo o desencanto, a decepção. Ressentem-se de atenção especial em programas de saúde mais eficientes e, principalmente, de incentivos para que o mercado de trabalho as reconheça de uma forma mais efetiva.

Em Taguatinga, é delas a diferença de 11 mil 810 votos. São ao todo 93 mil 266 mulheres. Moram na cidade que mais cresce no Distrito Fe-

Dida Sampaio 27.5.94



*Candidatos às eleições terão que ficar atentos ao pensamento feminino*

deral e onde estão mais à frente do eleitorado masculino. Estudantes, vendedoras, comerciantes, funcionárias públicas e donas-de-casa, as

taguatinguenses, assim como as eleitoras de Ceilândia e Samambaia, confessam: nem sempre prestam atenção em política.

A aeroviária Ruth de Souza Maia, 22 anos, tenta resumir a explicação para o desinteresse. “É muito complicado falar sobre isso. A gente espera muito e não vê resultado em nada”, lamenta. “Leis até que temos muitas, mas não saem do papel”. Ela é uma das milhares de jovens trabalhadoras de Taguatinga que reclamam da falta de trabalho, saúde e educação na comunidade em que vive.

O que acontece com a mulher eleitora dessas cidades, hoje, na análise da coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Mulher (Nepem), da Universidade de Brasília, antropóloga Lia Zanatta Machado, é um conjunto de fatores que vão desde o cultural até o sentimento que acabou se generalizando não só entre elas, como também entre os homens: o desencanto.